

# Aula

---

# 5

## ORIGEM DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

### **META**

Entender a trajetória das conquistas romanas e a consequente repercussão deste processo na transformação linguística.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula o aluno deverá:

identificar as intenções reais das expedições romanas em direção às diferentes províncias;  
analisar a interferência de elementos de cunho histórico, geográfico, cultural e social nas transformações linguísticas ocorridas na România;  
compreender o processo de evolução do latim e a implantação progressiva das diversas línguas românicas.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Para bem assimilar o conteúdo desta aula, importa lançar um olhar sobre um período bem preciso da história universal; importa visualizar certas áreas geográficas e compreender elementos de cultura que determinam a postura de um povo em determinados momentos da história. Em suma, é preciso ter em mente a pequena porção territorial onde se situa a cidade de Roma, de onde realmente tudo teve início.

É bom reler o conteúdo da aula 2, do livro 1 de Fundamentos de Língua Latina, que trata especificamente da ORIGEM E EXPANSÃO DO LATIM, algo que não se pode entender sem a contextualização que o assunto requer. Lá você vai encontrar mapas, cronologias e outras noções básicas para fundamentar o conteúdo da presente aula.

Não se esqueça: você está estudando FILOLOGIA ROMÂNICA, cujo enfoque é a evolução do latim até às chamadas línguas românicas, entre as quais se situa a nossa língua portuguesa. Muitos assuntos tratados nos módulos de Fundamentos de Língua Latina vão ser obrigatoriamente necessários para a plena assimilação da matéria que estamos estudando, sem contar com a viabilidade de estar sempre recorrendo às informações contidas nas aulas anteriores deste próprio módulo.

## INTRODUÇÃO

Roma é o início de tudo. Se o povo romano nunca tivesse deixado o seu pequeno espaço em busca de conquistar outros territórios - muitos deles bastante longínquos - a configuração das línguas do mundo ocidental certamente teria outro aspecto, até porque, se Roma não realizasse as expedições que realizou, outros povos certamente o fariam e aí o aspecto linguístico ganharia outra feição.

As línguas hoje denominadas Românicas são filhas do latim, precisamente, do latim vulgar, a língua originária do LATIUM ou LÁCIO, região da cidade de Roma e suas circunvizinhanças.

Este latim, levado às diferentes províncias conquistadas pelo exército romano, encontra-se com os falares de cada território conquistado, falares diferenciados de um território a outros. O resultado vai ser o seguinte: nem o latim e nem os falares nativos serão mais os mesmos.

O contato do latim com diferentes línguas vai, progressivamente, gerar novos idiomas, os quais serão o próprio latim modificado por força das línguas com as quais foi mantendo contato. Se todos os territórios conquistados falassem uma só língua, a modificação do latim teria uma única configuração. Isso não aconteceu: cada língua neolatina é o reflexo do contato da língua de Roma com cada província especificamente.



**Românica Ocidental e Oriental.**

(Fonte: BASSETTO, Bruno Fregni. **Filologia Românica**. São Paulo: Ed USP, 2005. p. 377).

Este estudo é muito interessante até para você entender o que se passa atualmente por efeito do contato de línguas. Elas se influenciam, se modificam, se misturam, havendo um processo de *perdas e ganhos* em que as línguas necessariamente estão implicadas.

Ao final desta aula, você terá uma idéia do processo que deu início às línguas que hoje são faladas em muitas regiões do mundo e, certamente, concluirá pela importância da língua latina em todo este contexto, pois, na verdade, falar hoje português, espanhol, italiano, francês etc. nada mais é do que falar o latim modificado por influência dos falares com os quais se relacionou, os quais, de certa forma, também estão presentes nesses idiomas atuais.

## O LATIM

De um simples dialeto de camponeses e pastores das margens do rio Tibre, em Roma, como era no início, o latim vai-se projetando à medida em que o próprio território da Península Itálica vai sendo conquistado pelos romanos. A situação geográfica privilegiada oferece aos romanos condições estratégicas de domínio e conquistas a que os povos vizinhos vão cedendo paulatinamente.

A fundação de Roma data de 753 a. C. e, daí, três fases importantes de sua história relacionadas com as formas de governo se evidenciam:

1. Realeza – das origens a 509 a. C.
2. República – de 509 a. C. até 27 a. C.
3. Império – de 27 a. C. até 476 d.C.

Tais datas não têm muito a ver com a história do latim e das línguas românicas, mas representam referências obrigatórias no entendimento da contextualização em que a língua se situa e se vai modificando.

O certo é que os romanos não saíram de Roma com objetivos linguísticos, ou seja, não se pretendia ensinar latim a ninguém; os objetivos eram políticos, econômicos, territoriais, de submissão dos povos conquistados.

De certa maneira, muito se elogia o grau de tolerância com que eram tratados os povos conquistados, isto motivado pela capacidade de absorver outros povos numa espantosa dimensão territorial, verificada sobretudo entre os séculos V a. C. e II d. C. Esta era, na verdade, uma postura inteligente, pois se tratava de conviver com populações de diferentes culturas já invadidas em seus limites geográficos, espoliadas de duas riquezas materiais e submetidas à administração política sob o comando de Roma.

Para você ter uma idéia de como se expandiu o domínio de Roma, na época do nascimento de Jesus Cristo, a Palestina e outras partes da Ásia Menor eram dominadas pelos Romanos, mas nestes territórios a influência do latim não parece ter sido tão forte como em outros lugares da Europa.

O filme *A PAIXÃO DE CRISTO*, de Mel Gibson, oferece uma boa visão da presença romana entre os judeus: costumes, figurinos, falares, religião etc. e a questão linguística aí é muito bem retratada, mostrando o uso, indistintamente, do latim e do aramaico, embora afeito a cada comunidade de falante.

É pena que não se tenha destacado a presença do grego neste contexto, haja vista ser também muito forte a importância desta língua. Jerusalém, à época, era uma espécie de território em que circulavam várias etnias, onde se praticava normalmente o câmbio de moedas para satisfazer as necessidades dos visitantes destas nacionalidades (Marcos 11, 14). Outra informação curiosa é o fato de ter sido colocada sobre a cruz de Cristo a justificativa de sua condenação para ser lida em três línguas: hebraico, latim e grego (João 19, 20), facilitando, assim, pelo recurso à tradução, a mais ampla compreensão pelos visitantes.



Cena do filme *A Última Paixão de Cristo*, de Mel Gibson. (Fonte: <http://www.hollywoodjesus.com>).

Estamos alertando, desde o início, para a importância de um certo conhecimento do latim para bem trabalhar a filologia românica.

Aqui uma observação se impõe em relação ao grego: a compreensão de alguns conteúdos passa muito perto das marcas que a língua grega deixou no latim e, conseqüentemente, nas línguas que daí se originaram. Os romanos nunca desprezaram a língua grega e muitos aspectos da cultura romana revelam a interferência do grego, quando não a tradução ou a cópia direta de seus valores. Este dado é muito importante para os estudos de filologia românica até porque o latim, que tanto influenciou o cristianismo, recebe, traduz e adapta muitas palavras da língua grega e as contextualiza. Um exemplo: o apóstolo Paulo de Tarso escreve a sua *Carta aos Romanos* (inverno de 57 / 58) em grego e, ao que parece, os roma-

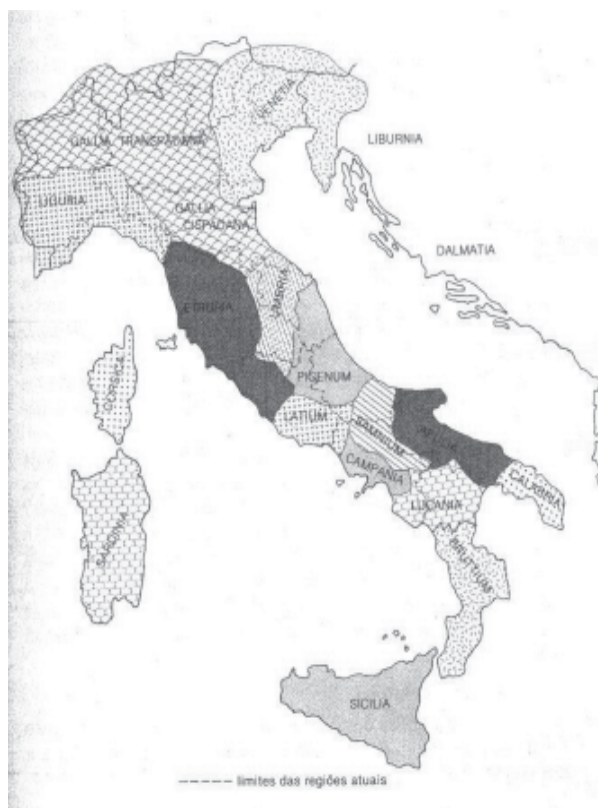
nos, que eram falantes do latim, não tinham dificuldade de entender o que Paulo lhes dirigia em grego.

Ademais, existe forte semelhança na estruturação dessas duas línguas: sistema das declinações, nomes dos casos, formação das palavras etc. A mitologia grega, por sua vez, é quase toda transposta e assimilada pela cultura latina, tendo reflexos bastante interessantes sobre os fatos da língua devido aos significados contidos nas diversas denominações com que os deuses, os lugares e o próprio mito são tratados.

Voltemos às conquistas romanas. O processo de Romanização apresenta algumas etapas:

a) Itália Peninsular. A expansão do poder de Roma começa aos poucos e vai atingindo os povos vizinhos do Lácio (sabinos, volscos, equos, etruscos etc.) até atingir toda a península.

b) Observe o mapa da Península Itálica (a tradicional forma de uma bota) e visualize o Lácio e os povos circunvizinhos. Roma, em pouco mais de meio século, já havia conquistado a Itália Peninsular, mas só vai conquistar as ilhas da região (Sicília, Sardenha e Córsega) após a primeira guerra púnica (264 a 241 a. C.). Conquistou também a região da Magna Grécia, mais ao sul da Península.



**As regiões da Itália Antiga.**

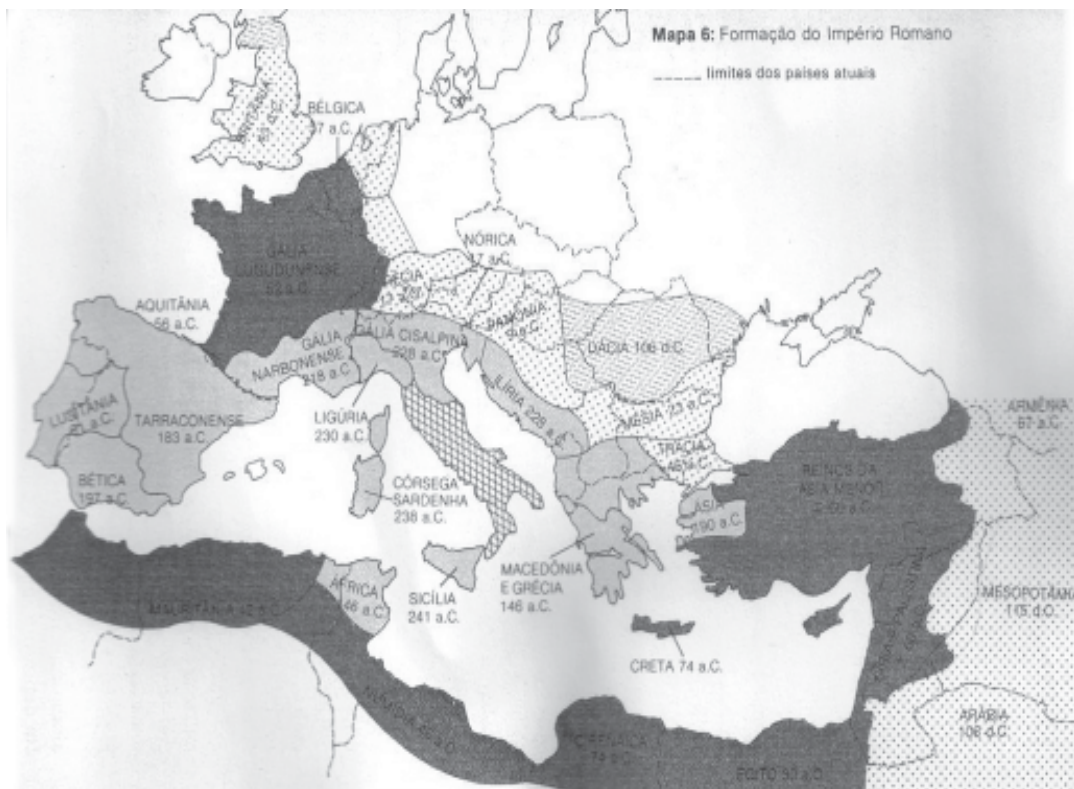
(Fonte: ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004. p. 43).

c) Europa Mediterrânea. O próximo passo é favorecido pela situação geográfica mesma da península, facilitando a projeção de Roma na política do Mediterrâneo e obrigando-a a vencer Cartago, a mais importante colônia fenícia, detentora, desde tempos remotos, da exploração do comércio marítimo. As lutas sangrentas por esta causa ficaram conhecidas como Guerras Púnicas, numa alusão aos cartagineses, também chamados de *phoínicoi*, ou seja, *fenícios*. Aos poucos, Roma ter-se-á estendido de Portugal até o Líbano.

Livre por um certo tempo das ameaças de Cartago, Roma conquista os territórios do norte da Itália (Ligúria, Ilíria e Gália Cisalpina).

Comandada por Aníbal, Cartago reage e dá ocasião à segunda guerra púnica (219-201 a. C.). Vencedora, Roma começa a conquistar colônias não itálicas, já em território da Ibéria.

Em 190 a. C., toma dos sírios a Anatólia e, posteriormente, (197 e 146 a. C.) submete a Macedônia e a Grécia.



Formação do Império Romano

(Fonte: ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004. p. 45).

Numa terceira guerra púnica, Cartago é, finalmente, arrasada (146 a. C.), fazendo os romanos realizarem um sonho que vinham alimentando há muito tempo contra a sua rival: *DELENDA CARTHAGO* =

*CARTAGO DEVE SER DELETADA, APAGADA DO MAPA, DESTRUÍDA!*

Avançando sempre, conquista a Lusitânia (139 a. C.) e, em seguida (118 a. C.), domina a Gália Narbonense (atual Provença).

d) Gália e Europa Central, Ásia Menor e Norte da África.

Sempre encontrando espaço favorável, Roma vai-se expandindo, guerreando agora em três frentes principais: a Gália e a Europa Central, a Ásia Menor e a África.

Na Ásia, atinge Chipre, a Bitínia, a Galácia, a Capadócia e a Síria (incluindo a Palestina).

Na África, domina a Cirenaica e Creta (74 a. C.), a Numídia (46 a. C.), a Mauritânia (42 a. C.) e o Egito (30 a. C.).

A expedição à Gália sob Júlio César (58 a 51 a. C.) é a mais importante conquista da Europa continental. Prossegue, já na época de Augusto, a submissão do Danúbio até a Récia (17 a. C.), a Nórica (17 a. C.), a Panônia (9 a. C.) e a Mésia (23 a. C.).

A Britânia foi conquistada mais tardiamente (46 d. C.), mas o poder de Roma sofreu muita resistência neste território e o aspecto linguístico não teve o mesmo peso que em outras regiões conquistadas.

Conquistando a Trácia (46 a. C.), o Império Romano vai aos limites naturais do Reno e do Danúbio e, com toda a expansão a que chegaram as conquistas, atinge o Mediterrâneo. A este, por ser um mar fechado (*Medi+terrâneo = entre terras*), aplica-se apropriadamente a denominação de *Mare Nostrum Internum*, como se fora um grande lago.

e) Conquistas posteriores anexam os territórios da Caledônia (Escócia atual, em 85 d. C.), a Dácia (atual Romênia, em 106 d. C.) e a Arábia Pétria. Já se trata, porém, de um período de enfraquecimento do Império até a sua queda no ano de 476. O esfacelamento vai-se processando aos poucos até mesmo porque, em um território tão imenso, a administração central situada em Roma já não tem mais condições de assegurar todas as conquistas e já se contavam 301 províncias. As fronteiras ficam vulneráveis, o controle se torna quase impossível, populações bárbaras ameaçam invadir e habitantes das províncias também manifestam hostilidades além de apresentarem crescente diferenciação linguística. E, como se deu com todos os grandes domínios, um dia Roma também caiu.



Principais centros de cultura do Império Romano.

(Conte: BASSETTO, Bruno Fregni. *Filologia Românica*. São Paulo: Ed USP, 2005. p. 355).

## ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

Toda a exposição precedente pode parecer desnecessária, mas ela possui um grande ponto de apoio a fim de que se entenda a contextualização em que a língua latina, levada pelos romanos às províncias, pouco a pouco, vai-se transfigurando graças ao contato com os falares nativos dos povos conquistados.

Ao conquistar as regiões gregas (272 a. C.), os romanos usavam levar para Roma homens cultos como escravos, os quais em muito contribuíram para a implantação de uma cultura literária latina, o que não se dá sem a profunda influência da cultura helênica. Um exemplo disso é Lívio Andrômaco, que, em 240 a. C., apresenta sua primeira peça teatral, como também fizera adaptação da obra de Homero para o latim com o mesmo nome de *Odisséia*.

Outras contribuições podem ser citados nesta mesma linha de adaptação de trabalhos literários, abrangendo a tragédia, a lírica e dando início à formação de uma norma linguística latina sob a influência grega, a que se chamou de *sermo litterarius* ou *classicus*. Tais normas conseguiram vigor por muitos séculos, embora sendo sempre atropeladas pelas influências regionais.



Assim, pouco a pouco, se vão desenvolvendo duas maneiras de tratar o latim: o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*. O primeiro se caracteriza pela sua forma erudita, clássica e mais afeita à língua escrita ou aos discursos dos oradores, poetas, escritores, gramáticos; o segundo reflete a fala popular, gerada nos meios mais simples dos iletrados e tende a não seguir regras e adaptar-se mais facilmente às circunstâncias da oralidade.

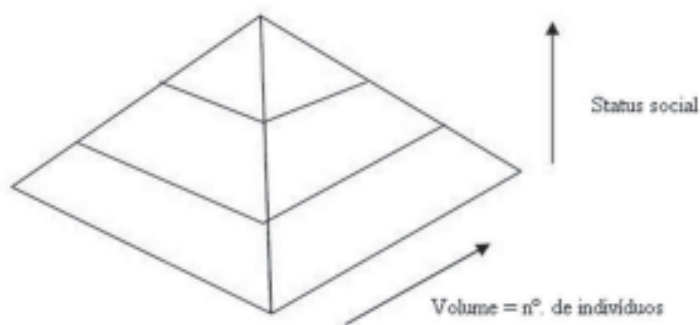
Foi justamente esta segunda modalidade de latim que acompanhou os passos da Romanização. Falado por gente simples, era justamente a língua dos que se deslocavam de Roma na rota de suas conquistas: soldados, comerciantes, aventureiros e até de membros menos graduados da administração pública. O latim que eles levavam já era, portanto, menos-prezado na própria Roma. Deste latim quase não existem documentos escritos e foi este latim que, encontrando-se com os falares de cada região conquistada, sofreu forte influência e também influenciou sobre as línguas que encontrou.

A necessidade premente, no entanto, não era linguística; era de sobrevivência em novos espaços, onde deveriam permanecer por muito tempo, exercer o comércio, construir casas, estradas, constituir família etc.

Para bem compreender a origem das línguas românicas, tema principal desta aula, importa assimilar alguns conceitos básicos resultantes deste contato de diferentes falares.

A romanização tem profunda relação com o exército romano, daí o termo *estrato* usado para entender este processo. A expressão grega *stratos* significa *exército*, daí a noção de pessoas enfileiradas por ordem de hierarquia, como bem se observa no conceito de *estratificação social*, ou seja, a sociedade concebida em camadas, em diferentes graus de importância, como se costuma visualizar no desenho de uma pirâmide: no alto e em menor quantidade estão os mais graduados e, daí descendo, chega-se à base onde estão os menos graduados e em maior contingente.

PIRÂMIDE SOCIAL- ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL



A palavra *estrato* tanto remete à noção de exército que outros termos daí derivados podem completar a exemplificação: *estratégia*, *estrategista*, *estratégico*, nomes indicativos da ação planejada dos soldados (*stratiotes* = *soldado* em grego) a fim de bem atingir os objetivos militares.

Com essa fundamentação, é possível notar a pertinência destes termos gregos aplicados ao processo de contato de línguas:

**SUPERESTRATO** – diz-se da língua de maior importância, aquela que vem de cima, de fora e, embora usada por menor número de pessoas, conserva posição privilegiada normalmente assegurada por outros fatores de ordem política, econômica, cultural, social, religiosa etc. Assim aconteceu com o latim. Ele chegou com a força das armas dos soldados, dos dominadores e a tendência é de que seja prestigiado pelos próprios dominados, que vão até sentir vergonha da língua que vinham falando. Não é de se estranhar que o latim nas províncias se tenha modificado com menor rapidez do que nos territórios da Itália.

**SUBSTRATO** – é o termo usado para as línguas de base, aquelas que os romanos encontraram em cada território conquistado. A tendência é tê-las por inferiores, de menor prestígio, o que quase sempre é alimentado pelo próprio falante nativo, cujos filhos, muitas vezes, já não querem mais se expressar na língua materna, no afã de assimilar os valores dos povos que os subjugaram e negociar certos postos de comando por questão de sobrevivência e adaptação à nova ordem.

**ADSTRATO** – é o que se diz quando o contato das línguas, mesmo evidenciada a questão do prestígio, não consegue eliminar certas expressões usadas e já enraizadas quando da chegada do dominador. Neste aspecto, o latim teve de conservar muitos termos gregos em seu vocabulário ou adaptá-los mediante o mesmo processo com que foram formados na língua de menor prestígio. O adstrato é, por assim dizer, uma forma de convivência pacífica muito motivada, às vezes, pela questão comercial. O mais necessário é vender o seu produto, não importando o nome com que seja identificado.

Observe um exemplo interessante: o conceito de *cavalo* pode ser usado até na atualidade mediante três configurações: a grega *íppos* = hipismo, hipódromo, Filipe; a latina clássica *equum* = equestre, equino, égua; a latina vulgar *caballum* = cavalo, cavaleiro, cavalari. Assim aconteceu com muitas palavras e você mesmo pode enriquecer a ilustração com outros exemplos igualmente interessantes.

Tente, pois, realizar o que se propõe acima!

Quando os soldados voltavam à terra de origem, certamente já traziam uma linguagem modificada, o que exercia um forte contágio sobre a língua de Roma. O mesmo se pode dizer das pessoas de cada província que iam a Roma, dos filhos dos senhores ricos ao voltarem de seus estudos na capital do império.

Não há como evitar este contágio e ele vai minando por dentro as línguas vivas, sem contar as dificuldades naturais na realização de certos fonemas, o que já vai dando novas feições a certas palavras.

Até hoje é assim. O trabalho de filologia românica torna-se muito mais interessante na medida em que se percebe que fenômenos antigos ainda se repetem e que, tal como ocorreu com o latim, as línguas não param de variar, num processo dinâmico gerador de novos fatos. Tornam-se os estudos ainda mais produtivos quando se consegue entender um certo percurso que vai direcionando as ocorrências variacionais e a pertinência com que os fatos se verificam.

## CONCLUSÃO

Esta aula é muito densa, pois aborda muitos aspectos da romanização e requer o conhecimento de dados provenientes das ciências auxiliares deste estudo. O que, porém, mais se evidencia é a capacidade administrativa de Roma, justamente baseada numa certa tolerância para com as culturas e as religiões dos povos conquistados.

Segundo afirma Walther von Wartbourg,

parece quase inconcebível que uma força originária de uma única cidade, durante cerca de três séculos, tenha conseguido unir, numa sequência quase ininterrupta de vitórias, todos os países em volta do Mediterrâneo e ainda mais distante em direção ao Norte. É ainda mais difícil compreender que todos estes povos, todas estas raças, inumeráveis, dispersas, tenham podido chegar a uma única forma de civilização, uma única comunidade de língua... As medidas de violência com a finalidade de assimilação linguística eram sempre inteiramente estranhas aos conquistadores. Eles contentavam-se com a dominação política (cujo corolário era o direito de fazer justiça) e com a penetração econômica dos países. O que vinha em seguida se processava como consequência natural da superioridade de Roma em todos os domínios” (p. 37-38) (a tradução é nossa).



## RESUMO

O surgimento das línguas românicas vai de par com a trajetória do latim levado às províncias pelos soldados no processo de conquista e dominação de territórios que já possuíam as suas marcas linguísticas antes da chegada dos romanos. Cada língua neolatina é o reflexo deste contato em que há *perdas e ganhos* para ambas as partes e o resultado é um novo idioma que se vai forjando. As novas línguas serão tantas quantas forem os substratos com que o latim teve de conviver, influenciando e sendo influenciado.

Uma certa compreensão histórica, política, geográfica e cultural confere aos estudos da filologia românica maior segurança nas abordagens dos conteúdos, ampliando a ótica de trabalho para muito além das considerações de puro cunho linguístico. Na verdade, a língua está inserida num contexto que é a própria vida do homem em sociedade.

Habitue-se a visualizar os mapas, identificar os territórios por onde o latim deixou suas marcas, reveja nomes de lugares e de pessoas envolvidas no processo e exercite-se na construção de seus próprios exemplos, dando maior ênfase ao lastro conceitual que aqui foi apresentado.

Em suma, a trajetória do latim legou ao mundo a valiosa contribuição dos seguintes idiomas:

Português (galego português)  
Castelhano  
Catalão  
Provençal  
Francês  
Rético  
Sardo  
Italiano  
Dalmático  
Romeno.

São eles que fazem o objeto de nossas investigações na presente disciplina.

## ATIVIDADES

Esta aula é muito densa devido à grande quantidade de nomes, datas, fatos e lugares sem os quais fica muito difícil compreender o verdadeiro conteúdo aqui exposto. Procure, portanto, somente responder às questões quando tiver pleno domínio dessas informações.



Questão 1.

- a) Explique como e a partir de onde se inicia a expansão do latim pelo mundo.
- b) Por que se diz que a questão linguística não era de fundamental importância para as conquistas romanas?
- c) Qual a função desempenhada pelo exército no processo de romanização?
- d) Defina e exemplifique SUPERESTRATO, SUBSTRATO e ADSTRATO.
- e) Que importância tem o grego para os estudos de filologia românica?
- f) Explique as modalidades que a língua latina já apresentava no próprio território italiano.
- g) Que causas são apontadas para a decadência do Império Romano no V século?

Questão 2.

- a) Com o auxílio dos mapas, relacione as grandes áreas conquistadas pelo império romano.
- b) Assinale alguma região em que o aspecto linguístico não obteve êxito. Por quê?

Aponte nos mapas, por ordem cronológica, as diferentes etapas das expedições romanas.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Essas questões cobram, na verdade, os conteúdos desta aula numa perspectiva de pesquisa que deve se conduzir mediante a consulta a outras obras complementares. Importante é você ter assimilado, em linhas gerais, tudo quanto foi exposto nesta aula. O recurso aos mapas e a continuidade da elaboração do glossário permitem a você a construção de um lastro teórico que vai sempre servir de apoio a outros momentos do estudo desta disciplina.

Prossiga na elaboração do glossário que já vem sendo sugerida desde a primeira aula. Isto faz parte de uma conduta pessoal de estudo que vai dando a você condições de confeccionar seu próprio material de trabalho.

Lácio / Etruscos / Oscos / Úmbios / Equos / Romanização / Península Itálica / Guerras Púnicas / Cartago / Fenícia / Ligúria / Ilíria / Gália Cisalpina / Ibéria / Península Ibérica / Lusitânia / Gália Narbonense (Provença) / África do Norte / Ásia Menor / Chipre / Bitínia / Galácia / Capadócia / Síria / Cirenaica / Creta / Numídia / Mauritânia / Egito / Danúbio / Récia / Nórica / Panônia / Mésia / Britânia / Trácia / Reno / Danúbio / Mediterrâneo / Caledônia / Dácia / Arábia Pétreia / Cultura Helênica / Sermo Litterarius ou Classicus / Sermo Plebeius / Estrato / Superestrato / Substrato / Adstrato /

### REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- WARTBOURG, Walther von. **Les origines des peuples romans**. Tradução de Claude Cuénot de Maupassant. Paris: PUF, 1941.
- WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.